

HOME CRÍTICAS

Suíte Branca e Dança Sinfônica

Soraya Belusi (MG), em Belo Horizonte, 09/09/2015

Grupo Corpo traduz 40 anos de existência em espetáculos opostos e complementares



"Suíte Branca", criação de Cassilene Abranches, projeta futuro do Corpo

Opostos complementares

Em *Triz* (2013), o Grupo Corpo trajava figurinos em grafismos preto e branco que pareciam fundir os corpos, como se estes fossem um só e depois se multiplicassem. Partes que se complementavam e que se dividiam. Em *Suíte Branca e Dança Sinfônica*, criações que estrearam no dia 5 de agosto, em Belo Horizonte, o preto e o branco que vestiam a montagem anterior do coletivo mineiro assumem cores próprias. *Suíte Branca* com a assinatura de Cassilene Abranches, e *Dança Sinfônica*, com a marca de Rodrigo Pederneiras, traduzem uma forma de o Corpo ver o próprio Corpo – desmembrados um do outro, nem por isso menos complementares.

Suíte Branca e Dança Sinfônica foram concebidos para a comemoração dos 40 anos da companhia. Rodrigo Pederneiras, coreógrafo do grupo, convidou sua ex-bailarina Cassilene Abranches para criar *Suíte Branca*, convocando Samuel Rosa para a composição da trilha sonora. Rodrigo se dedicaria ao processo de criação de *Dança Sinfônica*, em que Marco Antônio Guimarães e seu Uakti se encarregariam da música gravada pela Orquestra Filarmônica de Minas Gerais

da música, gravada pela Orquestra Sinfônica de Minas Gerais.

Se *Suíte Branca* é todo clean, de um zen quase nipônico, *Dança Sinfônica* é carregado nas tintas dramáticas. Os contrastes se sucedem. A beleza calma do branco é inundada depois pela exuberância do preto e do vermelho. De um lado, o espaço vazio e nu de uma tela a ser preenchida; de outro, uma cortina fechada e iluminada que parece esconder o violino que soa de trás. Enquanto um encanta pelo frescor, o outro demanda postura solene. Uma gente de tênis, bermuda, moletom, meião e camiseta; outra turma vestida com a suntuosidade do veludo. Um é casual, o outro é de gala. De um, prazer estético; de outro, o emocional. Se *Suíte Branca* convida o espectador a se colocar diante do abismo do novo, *Dança Sinfônica* exerce o direito de tornar a beleza arrebatadora. Um é feito de futuro, o outro revisita o passado.

Notas de um violão com levada folk-psicodélica anunciam o que está por vir em *Suíte Branca*. Um corpo que se distingue de seu fundo pelo movimento, como se rabiscasse o vazio. Este, em um movimento de “mutação”, apresenta-se ora como papel, com suas dobras e amassaduras, ora como parede, ora montanha, ora vale ou geleira; paisagens visuais provocadas pela genialidade da luz de Paulo e Gabriel Pederneiras, criando fissuras no tempo e no espaço, atravessadas pelos bailarinos.

Desde 2001, quando entrou para o elenco da companhia, vinda de São Paulo, para integrar o elenco de *Santagustin*, Cassi (como Cassilene é chamada pelos amigos e companheiros de coletivo) registrou no próprio corpo não só a maneira de dançar as coreografias que Rodrigo cria, mas também a maneira como ele as cria. Quando se observa *Suíte Branca* em busca de proximidades estilísticas entre o trabalho dos dois, são reconhecíveis os traços herdados – como quando se compara um filho recém-nascido com os pais para ver com quem ele se parece mais –, mas também perceptíveis as diferenças.

Cassi fala a língua de Rodrigo e seu Corpo, mas a pronuncia com seu próprio sotaque, um “mineirês” contemporâneo e urbano, que vai ao encontro da sonoridade sofisticada/alternativa/humorada que propõe a trilha composta por Samuel Rosa e o Skank. Se são identificáveis as quebras de quadril – e de outras partes do corpo –, não há mais nelas a mesma sinuosidade; estão menos curvas, mais retas e repartidas.

Em alguns momentos de *Suíte Branca*, as cenas parecem se fundir entre a entrada de um bailarino e a saída de outro, denotando o DNA herdado de quem tem notável habilidade em construir e desconstruir as formações no palco – transformando trios em duos, que viram solos, que voltam a ser trios, e assim por diante. Em muitos outros, o corte é seco, com vazios entre as partes, silêncios e breves escuros, como se evidenciando o fim de uma paisagem sonora-visual-corporal para o começo de outras, como uma seleção de trechos e composições autônomas.

A coreografia lança um jogo permanente entre planos e direções, como se os bailarinos fossem ao chão não em busca da queda, mas do impulso para subir. Um desequilíbrio que se atrai pelo solo com a mesma intensidade com a qual se mantém afastado dele – como a nota suspensa de uma guitarra distorcida.

Dança Sinfônica é um convite ao belo e ao emotivo. Carrega consigo a memória do que foi e do que poderia ter vindo a ser – um mosaico de movimentos, esboços corporais, materiais de processo não usados em outros trabalhos que foram recriados, ganhando uma nova dramaturgia. É como se o Corpo fizesse uma reverência à sua própria história, em que o passado é convidado a participar das festividades. Mulheres de vermelho, homens de preto. A trilha sonora é protagonista, criando ambientes sonoros de contornos quase épicos, à altura da grandeza da ocasião.

O espaço emoldurado pelas pesadas cortinas de veludo revela ao fundo um painel com fotos que fazem parte da história da companhia. Assim como a iluminação de Paulo Pederneiras não permite que as imagens sejam totalmente visíveis isoladamente, na coreografia é possível reconhecer um trecho de trabalho anterior aqui, uma autocitação ali. Esse exercício de “adivinhação” para os espectadores assíduos do repertório do grupo progressivamente cede lugar à afetação física e emocional provocada

acordado do repertório do grupo progressivamente como lugar a dimensão física e emocional provocada pela narrativa que Rodrigo apresenta.

O movimento de mão-dupla entre o que ficou para trás e o que está adiante se traduz no corpo dos bailarinos em impulsos que começam em uma direção e levam à outra.

A força dos movimentos em grupo estabelece um contraste ainda maior com a fragilidade dos pas de deux (de Sílvia Gaspar com Edimárcio Júnior e Helbert Pimenta) que rompem aquela pulsão quase trágica que o som cria no espaço.

Nas duas montagens, a mesma figura de Sílvia Gaspar aparece a flutuar, imagem-síntese da complementaridade entre elas. Em *Suíte*, ela paira como se caminhasse no ar, passando de braço em braço entre os bailarinos. Em *Dança*, seu corpo vulnerável precisa ser amparado, sustentado para não cair. A leveza de outrora carrega agora todo o peso da tristeza de um mundo. Resta o amparo do outro. O acolhimento do colo. Os pés não podem tocar o chão quando não se consegue mais ficar de pé.



Rodrigo Pederneiras concebeu "Dança Sinfônica" para revisitar passado do Grupo Corpo

1 Comentário

Agora - Crítica Teatral

1 Entrar ▾

♥ Recomendar

🐦 Tweet

f Compartilhar

Ordenar por Mais recentes ▾



Participe da discussão...

FAZER LOGIN COM

OU REGISTRE-SE NO DISQUS (?)

Nome



Carlos Henrique Almeida Almeida • 3 anos atrás

show

^ | v • Responder • Compartilhar ›

✉ Inscreva-se **D** Adicione o Disqus no seu site Adicionar Disqus Adicionar

FICHA TÉCNICA

SUÍTE BRANCA

Coreografia: Cassi Abranches

Música: Samuel Rosa

Iluminação: Paulo Pederneiras e Gabriel Pederneiras

Cenografia: Paulo Pederneiras

Figurino: Freusa Zechmeister

Fotos: José Luiz Pederneiras

Duração: 30 minutos

DANÇA SINFÔNICA

Coreografia: Rodrigo Pederneiras

Música: Marco Antônio Guimarães

Iluminação: Paulo Pederneiras e Gabriel Pederneiras

Cenografia: Paulo Pederneiras

Figurino: Freusa Zechmeister

Fotos: José Luiz Pederneiras

Duração: 42 minutos



Rio de Janeiro - Theatro Municipal

Praça Floriano Peixoto, s/nº, tel: (21) 2332-9191 / 2332-9005



3/9 a 7/9

horário: 20h

duração: 1h40 minutos com 20 minutos de intervalo



Plateia e Balcão Nobre –

R\$ 120 / Balcão Superior –

R\$ 90 / Galeria – R\$ 60

Tags

belo horizonte

suíte branca

dança sinfônica

grupo corpo

soraya belusi

Acesse a Aliança Francesa de Porto Alegre



Acesse a Hiedra do Chile



Acesse o L'insensé da FRANÇA



Acesse o Observatório dos Festivais



INICIATIVA

